

A IMPORTÂNCIA DAS METODOLOGIAS ATIVAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Laís Andrade Beltran

Licenciatura Plena em Pedagogia.

laisanbel86@gmail.com

Silvino Silvério Guimarães

Licenciatura Plena em Letras e Pedagogia \Pós Graduado em Psicopedagogia.\ Pós Graduado em Educação Especial e Inclusiva

ssg25@hotmail.com

Vania Cristina Dias

Licenciatura Plena em Pedagogia\Arte\ R2 Matematica.

vaniadiasmatematica@gmail.com

Tiago Freitas Fontes

Licenciatura e Bacharelado em Educação Física\ Pós Graduação em Gestão Pedagógica/ Pós Graduação em Educação Física Escolar e Educação Infantil.

tigor1919@gmail.com

Ana Talita da Conceição

Licenciatura Plena em Letra - Português/Inglês\ Pós-Graduação em LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

anatalitadaconceicao@gmail.com

RESUMO

As transformações sociais, culturais e tecnológicas têm provocado mudanças significativas no contexto educacional, exigindo da escola novas formas de ensinar e aprender. Nesse cenário, as metodologias ativas surgem como uma alternativa às práticas tradicionais, ao colocarem o aluno como protagonista do seu processo de aprendizagem. O presente artigo tem como objetivo discutir a importância das metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem, destacando suas contribuições para o desenvolvimento da

autonomia, do pensamento crítico e da participação dos estudantes. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, fundamentada em autores que abordam a inovação pedagógica, a mediação docente e a aprendizagem significativa. Conclui-se que as metodologias ativas favorecem um ensino mais dinâmico, reflexivo e contextualizado, contribuindo para uma aprendizagem mais efetiva e significativa.

Palavras-chave: Metodologias ativas. Ensino-aprendizagem. Protagonismo do aluno. Prática pedagógica.

INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem tem sido amplamente destruído nas últimas décadas, principalmente porque a escola contemporânea convive com transformações sociais, culturais e tecnológicas que se reconfiguram como formas de acesso à informação e de produção de conhecimento.

Nesse cenário, torna-se cada vez mais evidente que a simples transmissão de conteúdos, centrada na fala do professor e na escuta passiva do aluno, não responde plenamente às demandas formativas atuais.

Aprender hoje envolve selecionar informações, interpretar dados, argumentar, colaborar, resolver problemas e tomar decisões habilidades que são fáceis de consolidar em metodologias exclusivamente expositivas.

Tradicionalmente, muitos ambientes escolares se estruturaram a partir de um modelo de ensino em que o professor ocupa o lugar principal como fonte de saber, e o estudante assume uma postura predominantemente receptiva.

Embora esse formato possa ter eficácia para determinados objetivos (por exemplo, introdução de conceitos ou sistematizações), seu uso como estratégia quase única tende a limitar o engajamento e a participação ativa dos estudantes.

Além disso, contribui para uma visão de aprendizagem como memorização de curto prazo, sem necessariamente promover compreensão profunda, autonomia intelectual e aplicação prática.

Nesse contexto, as metodologias ativas ganham relevância ao proporem a reorganização do papel de professores e alunos no processo educativo.

De modo geral, elas defendem que o estudante aprenda “fazendo”, investigando, discutindo, criando e refletindo com o professor visitante como mediador, planejador de experiências e orientador de percurso. Assim, este texto tem como objetivo analisar a importância das metodologias ativas no ensino-aprendizagem, discutindo suas contribuições para a prática pedagógica, para a motivação dos estudantes e para o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais, além de apontamentos desafios e cuidados necessários para sua implementação.

A noção de metodologias ativas se apoia na ideia de que a aprendizagem é mais consistente quando o estudante participa de forma significativa do processo.

Em termos pedagógicos, isso se aproxima de perspectivas construtivistas e sociointeracionistas, que compreendem o conhecimento como construção progressiva mediada por experiências, linguagem, interação social e relações com o contexto.

Nessa visão, aprender não se resume a “receber” informações, mas envolve considerar sentido ao que se estuda, relacionar conceitos, testar hipóteses, errar, revisar e avançar.

Essa compreensão também dialoga com a aprendizagem significativa, que enfatiza a importância de conectar novos conteúdos aos conhecimentos prévios do aluno, aprimorando a compreensão, a retenção e o uso do que foi aprendido em diferentes situações. Quando o estudante participa de tarefas autênticas, resolve problemas e explica seus julgamentos, torna-se mais provável que ele crie vínculos entre teoria e prática, reduza a fragmentação entre “conteúdo escolar” e “vida real”.

Outro fundamento relevante é a centralidade do diálogo e da problematização. Ao invés de organizar a aula apenas como exposição e

reprodução, as metodologias ativas tendem a valorizar perguntas, desafios, tomada de posição e argumentação.

Isso não significa abandonar o conteúdo; pelo contrário, exige planejamento cuidadoso para que o conhecimento escolar seja mobilizado em situações que fazem sentido e exigem elaboração. Em resumo, o “ativo” não é sinônimo de “bagunça” ou “aula sem professor”, mas sim de participação intelectual e estratégica do estudante na aprendizagem.

DESENVOLVIMENTO

As metodologias ativas podem ser entendidas como um conjunto de escolhas didáticas que reposiciona o estudante no centro do processo de aprendizagem, não como espectador, mas como alguém que envelhece, interpreta, decide, erra, revisa e constrói sentido.

Em vez de organizar a aula principalmente em torno da exposição do professor e da repetição do conteúdo pelo aluno, essas metodologias propõem situações em que o conhecimento é mobilizado para responder a desafios, investigar questões relevantes, analisar informações, produzir algo especificamente claro e dialogar com outras pessoas.

O ponto decisivo aqui não é “ter uma aula diferente”, nem depender de tecnologia, mas criar condições para que o aluno realize atividade intelectual de fato: observar, comparar, explicar, argumentar, selecionar evidências, explicar com suas palavras e aplicar conceitos em contextos variados.

Quando a aprendizagem se reduz a copiar e memorizar para uma prova, é comum que parte do conteúdo perca rapidamente ou permaneça frágil, sem conexão com o cotidiano e sem utilidade fora do ambiente escolar. Quando a escola oferece tarefas que desativam a elaboração, o aluno tende a compreender com mais profundidade, porque precisa reorganizar o que estuda em formas próprias de expressão e de ação.

Uma das razões pelas quais as metodologias ativas ganham importância atualmente está relacionada ao tipo de mundo em que os estudantes vivem. A informação circula em grande volume, em diferentes formatos e com qualidade desigual.

Não basta “ter acesso”; é necessário aprender a avaliar fontes, distinguir opiniões de evidências, compreender manipulações, lidar com dados e construir argumentos consistentes.

Nesse cenário, a escola tem a responsabilidade de ensinar conteúdos e, ao mesmo tempo, formar capacidades para aprender continuamente, o que inclui autonomia, pensamento crítico e autorregulação.

A aprendizagem ativa contribui para isso porque coloca o aluno em contato com tarefas que exigem decisões e responsabilidades reais: planejar uma pesquisa simples, registrar resultados, sustentar um posicionamento, dividir um trabalho em etapas, revisar um texto, reescrever após feedback, apresentar uma proposta para colegas, negociar sentidos e concluir o que foi aprendido. Essas experiências, quando bem planejadas, ajudam a transformar o estudante em sujeito do conhecimento, e não em mero reprodutor.

Moran (2015) aponta que práticas ativas favorecem uma aprendizagem com sentido porque estimulam o estudante a questionar, experimentar e transferir o que aprende para situações distintas, evitando que o conteúdo fique restrito a um “pacote” que só funciona dentro da prova.

Essa ideia, trabalhada com cuidado, conduz a uma mudança importante: o aluno deixa de depender exclusivamente da fala do professor para aprender e passa a assumir parte do controle do próprio percurso. Isso não significa que ele aprenda sozinho, nem que o professor se torne dispensável; significa que a aula é projetada para que o estudante participe de forma consciente, acompanhando seu progresso, registrando dúvidas e buscando estratégias para avançar.

A autonomia, nesse sentido, não é um traço “natural” que alguns têm e outros não; ela é construída por meio de rotinas, modificações, critérios explícitos e apoio progressivo. Quando o professor oferece ferramentas de estudo, explica

o objetivo de cada etapa, ensina como registrar, como consultar fontes e como revisar, ele está criando condições para que a autonomia seja aprendida.

Essa mudança se reflete diretamente no papel do professor. Em metodologias ativas, o docente atua como alguém que organiza o ambiente de aprendizagem, deseja experiências didáticas e acompanha o desenvolvimento dos alunos com disciplinas oportunas.

Em vez de ocupar todo o tempo como explicado, ele alterna momentos de instrução direta (quando isso é necessário) com momentos de investigação, discussão, prática orientada e visão geral.

A função docente envolve prever dificuldades, propor perguntas que realmente abram o pensamento, oferecer exemplos quando a turma precisa de referência, observar o que os estudantes fazem para identificar equívocos e ajustar a rota, além de garantir que o processo resulte em compreensão organizada.

Freire (1996) defende a ideia de que ensinar não se limita a “passar” conteúdos prontos, mas implica criar condições para que os alunos produzam e reconstruam conhecimentos; esse princípio conversa com metodologias ativas porque o foco para a produção de sentido pelo estudante.

Porém, é importante enfatizar: esse modelo exige ainda mais planejamento, porque não basta “soltar uma atividade”; é preciso alinhar objetivos, etapas, recursos, tempo, critérios e avaliação.

O que muitas vezes gera confusão é imaginar que metodologias ativas são simbólicas de obstáculos, trabalham em grupo a qualquer custo ou uso obrigatório de aplicativos.

Na verdade, a marca principal de uma metodologia ativa é a participação cognitiva: o aluno precisa pensar com qualidade. Uma aula pode ser silenciosa e ainda assim ser ativa, se os estudantes estiverem resolvendo um problema desafiador, construindo um texto autoral ou analisando dados com justificativa.

E pode ser barulhento e pouco ativo, se o trabalho tiver limitações a recortar, colar e preencher sem compreensão.

Por isso, a intencionalidade pedagógica é o coração do processo: o professor deve definir quais aprendizagens pretende desenvolver, quais evidências indicando que o aluno avançou e quais tarefas realmente desabilitam o estresse, e não apenas execução.

Entre as estratégias mais frequentes em propostas ativas, está a aprendizagem baseada em problemas. Nela, o conteúdo deixa de ser apresentado como “fim em si mesmo” e passa a ser instrumento para compreender uma situação e proporcionar respostas. Por exemplo, em Ciências, um problema pode envolver a qualidade da água consumida na região: os alunos podem levantar hipóteses sobre possíveis contaminantes, pesquisar parâmetros básicos, comparar dados disponíveis, discutir implicações para a saúde e propor medidas de prevenção.

Em Matemática, um problema pode partir da necessidade de interpretar um gráfico de inflação ou de consumo, estimar variações percentuais e discutir o que esses números significam na vida das famílias.

Em Língua Portuguesa, um problema pode envolver a circulação de desinformação: os alunos analisam textos, observam marcas de confiabilidade, comparam versões e mostram um material de orientação para a comunidade escolar. O ponto é que o conteúdo curricular aparece como ferramenta de leitura do mundo, e não como lista desconectada de temas.

A aprendizagem baseada em projetos é outra estratégia importante, especialmente quando se busca integrar conhecimentos e criar produtos com finalidade clara. Um projeto não se resume a “fazer um cartaz”; ele envolve etapas, decisões e revisão.

Um projeto bem construído costuma começar com uma pergunta orientadora (o que queremos investigar? que problema queremos enfrentar? que mensagem queremos comunicar?), segue com pesquisa e análise, inclui

planejamento de execução, prevê momentos de feedback e termina com socialização do resultado.

Em História, um projeto pode propor uma exposição sobre memórias locais, com entrevistas, análise de fontes e produção de textos explicativos. Em Geografia, você pode envolver mapear pontos de risco ambiental do entorno da escola e discutir políticas públicas.

Em Arte, pode resultar em uma mostra com curadoria e estética justificativa. Em todos os casos, para que o projeto seja realmente formativo, o professor precisa explicitar critérios: o que será avaliado (argumentação? uso de fontes? precisão conceitual? clara comunicativa?), como será avaliado (rubrica? portfólio? apresentação oral?) e que oportunidades de revisão existirão.

Os estudos de caso e as simulações também são recursos potentes porque aproximam os estudantes de situações complexas que a análise exclui de múltiplas variáveis.

Um estudo de caso em Biologia pode discutir vacinação e saúde coletiva, articulando conceitos de imunologia, epidemiologia e ética. Em Sociologia, pode-se analisar um conflito comunitário e discutir direitos, desigualdades e participação social.

Na Administração escolar (quando aplicável), pode simular decisões de gestão com recursos limitados, obrigando os alunos a aplicar prioridades. Já as rodas de conversa e debates, quando estruturados com preparação e regras claras, treinam escuta, respeito e argumentação.

Eles se tornam especialmente relevantes numa época em que as opiniões circulam rapidamente, mas nem sempre são sustentadas por evidências; ensinar o aluno a construir argumentos e a reflexão sobre bons critérios de justificativa é uma tarefa educativa central.

A sala de aula invertida costuma ser mencionada como estratégia ativa porque reorganiza o tempo: o contato inicial com o tema pode ocorrer antes do

encontro coletivo por meio de um texto orientado, um vídeo curto, um resumo do professor ou uma atividade diagnóstica simples.

Assim, o tempo em sala é usado para aprofundar, aplicar, discutir e receber acompanhamento. O benefício não é “deixar o aluno estudar sozinho”, mas usar a presença do professor para o que é mais significativo: tirar dúvidas, acompanhar raciocínios, oferecer feedback, propor desafios e consolidar conceitos.

Porém, essa estratégia precisa ser adaptada à realidade dos estudantes, porque nem todos têm as mesmas condições de acesso à internet, aos dispositivos ou a um ambiente tranquilo de estudo.

Quando necessário, uma escola pode garantir momentos de estudo orientados no próprio espaço escolar, disponibilizar material impresso e oferecer alternativas off-line, evitando que uma metodologia pensada para ampliar oportunidades possa reforçar o reforço de desigualdades.

O uso de tecnologias educacionais pode fortalecer metodologias ativas, mas não é obrigatório. As tecnologias ajudam quando ampliam autoria e colaboração (como produzir um podcast, criar um vídeo explicativo, construir um infográfico com dados), quando facilitam a investigação (como consultar bases públicas, simular orientações, coletar respostas em questionários), ou quando permitem feedback rápido (como quizzes diagnósticos para mapear dificuldades).

Ainda assim, o princípio deve ser pedagógico: se a tecnologia não melhora a aprendizagem, ela vira distração. Além disso, a escola precisa considerar acessibilidade e equidade; se parte da turma não consegue acessar recursos digitais, o professor deve planejar alternativas equivalentes em termos de objetivo de aprendizagem.

Um aspecto frequentemente apontado como vantagem das metodologias ativas é o aumento do engajamento. Quando o estudante entende o propósito de que faz e percebe uma ligação real entre conteúdo e experiência, tende a se envolver com mais consistência.

Entretanto, o engajamento não é apenas “gostar da atividade”; é esforço cognitivo, persistir diante de dificuldades e buscar qualidade no que se produz. Para isso, é fundamental que as tarefas tenham um nível de desafio adequado: se forem simples demais, viram passatempo; se forem difíceis demais, geram frustração e abandono.

O professor precisa calibrar o desafio, oferecer apoio (modelos, exemplos, passos intermediários) e criar um ambiente em que o erro seja tratado como etapa de aprendizagem.

Um estudante que nunca erra provavelmente está realizando tarefas abaixo do seu potencial; um estudante que erra o tempo todo sem orientação também não avança. Metodologias ativas funcionam melhor quando o erro é detalhado, explicado e usado para ajustar estratégias.

Outro ganho importante é o desenvolvimento de competências socioemocionais junto com as cognitivas. Ao trabalhar em grupo, negociar decisões e apresentar ideias, o estudante pratica comunicação, cooperação e respeito a diferentes pontos de vista.

Mas isso não acontece automaticamente: a colaboração precisa ser ensinada. É comum que, sem orientação, alguns alunos assumam todo o trabalho enquanto outros participam pouco; ou que os conflitos sejam aplicados sem serem resolvidos de modo construtivo.

Por isso, faz diferença estabelecer papéis (quando relevante), criar critérios de participação, orientar como dar feedback sem atacar pessoas, e avaliar também o processo (como o grupo trabalhou) e não apenas o produto final.

Essas aprendizagens socioemocionais são valiosas porque impactam o clima escolar: quando os alunos se sentem ouvidos, quando há regras de convivência e quando a cooperação é incentivada com justiça, tendem a ter mais pertencimento e menos atitudes de desrespeito.

Em termos formativos, essas habilidades também são essenciais fora da escola, pois a vida social e profissional exige trabalho coletivo, responsabilidade e comunicação clara.

A avaliação, nesse contexto, precisa ser coerente com os objetivos. Se a escola propõe atividades investigativas, mas disponíveis apenas por meio de provas que exigem reprodução literal, cria-se uma contradição que desmotiva e distorce o processo.

Nas metodologias ativas, é comum valorizar a avaliação formativa: aquela que acompanha o percurso, identificar o que o aluno já consegue fazer e o que ainda precisa desenvolver, e oferece devolutivas que orientam a melhoria. Isso pode incluir registros de observações, análises de produções, devolutivas em rascunhos, rubricas, portfólios e autoavaliação.

A autoavaliação, quando bem conduzida, não é “o aluno se dá nota”, mas o aluno aprende a critérios de qualidade, identifica seus pontos fortes, assume compromissos e planeja ações para avançar.

Ao mesmo tempo, avaliações somativas podem existir, desde que homologadas ao que foi trabalhado e que não sejam o único instrumento. O fundamental é que a avaliação produza aprendizagem, não apenas classificação.

Há também desafios concretos para implementar metodologias ativas. Um deles é a formação continuada dos professores. Muitos docentes foram formados em modelos tradicionais e, mesmo quando concordam com a proposta ativa, podem sentir insegurança para conduzir a discussão, lidar com diferentes ritmos, organizar trabalhos em grupo e avaliar processos.

Além disso, prepare boas situações-problemas e bons projetos que exigem tempo e colaboração. Por isso, uma escola que deseja fortalecer metodologias ativas precisa criar condições institucionais: momentos de planejamento coletivo, trocas entre professores, acesso a materiais, apoio da coordenação pedagógica e uma cultura de acompanhamento que não penalize a experimentação.

Outro desafio é a organização do tempo e do espaço: aulas muito curtas e fragmentadas podem dificultar projetos mais longos; salas com pouco espaço podem limitar certas dinâmicas; falta de recursos pode exigir criatividade para trabalhar com materiais simples.

Ainda assim, metodologias ativas não carecem de estrutura sofisticada: muitas estratégias podem ser realizadas com papel, quadro, textos e objetos do cotidiano, desde que exista planejamento e claro de propósito.

A resistência cultural também é um ponto sensível. Alguns estudantes interpretam a mudança como “o professor não está ensinando”, porque associam ensinar a falar o tempo inteiro. Algumas famílias podem estranhar quando uma aula envolve debate, projeto e colaboração, acreditando que isso reduz o rigor.

Para enfrentar esse problema, a escola precisa comunicar com transparência: explicar os objetivos, mostrar como o conteúdo está presente, apresentar critérios de avaliação e compartilhar evidências do que os alunos estão aprendendo.

Quando o estudante percebe que uma aula ativa tem exigência real que é preciso ler, registrar, explicar, revisar e apresentar, ele tende a compreender que não se trata de “facilitar”, mas de aprofundar. Do mesmo modo, quando uma família entende que a metodologia busca formar competências para além do vestibular, ela tende a se apoiar mais.

Também é essencial considerar a inclusão. Uma metodologia ativa pode ser extremamente inclusiva quando oferece múltiplas formas de participação e valoriza diferentes competências (oralidade, escrita, produção visual, prática experimental, organização).

Mas pode excluir-se a pressão de que todos tenham as mesmas habilidades sociais, a mesma facilidade de fala ou as mesmas condições de acesso a recursos.

Estudantes tímidos podem precisar de outras formas de expressão além do debate oral; estudantes com deficiência podem precisar de adaptações e recursos específicos; estudantes com dificuldades de leitura podem precisar de textos para estudantes e apoio de compreensão.

O professor, como mediador, precisa mapear essas necessidades e desenhar caminhos de participação efetiva. A inclusão também envolve patrimônio de acesso: se uma atividade exige pesquisa online em casa, deve haver uma alternativa para quem não tem internet. Esse cuidado não é detalhe; é parte do compromisso ético de uma educação democrática.

Outro cuidado importante é evitar que métodos ativos sejam tratados como “moda” ou solução rápida para problemas estruturais. Elas não substituem currículo bem pensado, materiais adequados, condições de trabalho docente e políticas educacionais consistentes. Além disso, não existe uma metodologia que seja melhor para tudo.

Há momentos em que uma explicação direta do professor, curta e objetiva, é a forma mais eficiente de introduzir um conceito ou organizar uma descrição. O diferencial está em não parar aí: depois da explicação, o aluno precisa operar com o conhecimento, aplicá-lo, questioná-lo, reconstruí-lo.

A qualidade de uma prática não depende do rótulo “ativa”, mas da coerência entre objetivo, atividade, mediação e avaliação. Quando essas dimensões se articulam, o estudante aprende mais e com mais sentido.

Na prática, uma implementação mais segura costuma ocorrer por etapas. O professor pode iniciar com mudanças pequenas e consistentes: transformar parte dos exercícios em problemas contextualizados; propor divulgação de curtas em duplas antes da resposta coletiva; usar perguntas abertas que exijam justificativas; pedir que os alunos expliquem o raciocínio e não apenas apresentem o resultado; construir uma rubrica simples para textos e apresentações; adotar revisões com feedback; uma rotação por estações com tarefas variadas organizadas; e, gradualmente, ampliar para projetos mais longos e interdisciplinares.

Esse caminho reduz a ansiedade, permite avaliar o que funciona com a turma e fortalecer a confiança docente. Uma escola que apoia esse processo, oferecendo espaço para troca de experiências e valorizando o aperfeiçoamento contínuo, tende a consolidar uma cultura pedagógica mais inovadora e responsável.

Em resumo, metodologias ativas são importantes porque ampliam a capacidade da escola de promover aprendizagens profundas, transferíveis e socialmente relevantes.

Ao incentivo que o aluno pense, investigue, argumente, coopere e produza, eles favorecem a aprendizagem significativa, o desenvolvimento de autonomia e a construção do senso crítico, como defendem autores que discutem inovação pedagógica e formação humana, a exemplo de Moran (2015) e Freire (1996).

Ao mesmo tempo, desligue o planejamento, a mediação comprometida, a avaliação coerente e a atenção às desigualdades, para que a participação não seja privilégio de poucos, mas possibilidade real para todos. Quando bem conduzidas, tais metodologias não apenas tornam a aula mais dinâmica; elas reforçam a função social da escola de formar sujeitos capazes de compreender o mundo, posicionar-se com responsabilidade e continuar aprendendo ao longo da vida, transformando o conhecimento escolar em instrumento de leitura crítica da realidade e de participação cidadã. (Obras de referência citadas ao longo do texto: Freire, 1996; Moran, 2015.)

CONCLUSÃO

Diante das reflexões apresentadas, é possível afirmar que as metodologias ativas desempenham um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, ao promoverem uma educação mais participativa, reflexiva e significativa. Ao colocar o aluno como protagonista, essas metodologias contribuem para o desenvolvimento da autonomia, do pensamento

crítico e da capacidade de resolver problemas, habilidades essenciais para a formação integral do sujeito.

A adoção das metodologias ativas exige mudanças na prática pedagógica e no papel do professor, que passa a atuar como mediador e facilitador da aprendizagem. Embora existam desafios para sua implementação, os benefícios superam as dificuldades, especialmente quando há investimento em formação docente e apoio institucional.

Assim, compreender a importância das metodologias ativas significa reconhecer a necessidade de uma escola que dialogue com a realidade dos alunos, valorize suas experiências e promova aprendizagens significativas. Ao investir em práticas pedagógicas inovadoras, a escola contribui para a construção de um ensino mais humano, crítico e transformador.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORAN, José Manuel. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação hoje. In: BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello (org.). Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 27-45.

BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. 23. ed. São Paulo: Libertad, 2010.